



Artigo

Tiago Cruz Spinelli

Recebido: 23 Junho 2023

Aceito: 17 Setembro 2023

Publicado: 31 Dezembro 2023

Explorando as Narrativas Visuais: o corpo-infância e o jiu-jítsu brasileiro

Resumo

O jiu-jítsu brasileiro é o resultado do encontro entre um mestre japonês, discípulo da escola Kodokan e uma família de imigrantes escoceses, durante o início do século XX. Adotando a perspectiva da sociologia da infância, nos interessamos pela prática infantil do jiu-jítsu como espaço de produção dos direitos de participação. Buscamos entender quais as corporeidades estão em jogo nos movimentos de luta da arte suave. A técnica descrita como embodiment serviu para situarmos a observação participante no tatame e imergir em campo no contexto do jiu-jítsu comunitário. Em seguida, visitamos outras academias, coletando desenhos do esporte de combate, por crianças na faixa etária dos quatro aos doze anos, em quatro países: Brasil (Rio de Janeiro e Natal), Portugal (Lisboa), Suíça (Onex) e Noruega (Eidsvoll). Notamos que os traços e as formas subjetivas expressas nos desenhos são fundamentais para o registro da cultura corporal e o exercício de ser criança. O corpo-infância como ente individual, competitivo e identitário; e o corpo-infância como ente coletivo, lúdico e universal, compõem a narrativa visual, que comunica, através da linguagem dos desenhos, a possibilidade de construção criativa do jogo de combate na representação estética da corporeidade infantil.

Palavras-chave: Jiu-jítsu, Corporeidade Infantil, Metodologias Visuais.

Exploring Visual Narratives: Childhood Body and Brazilian Jiu-Jitsu

Abstract

Brazilian jiu-jitsu is the result of the meeting between a Japanese master, a disciple of the Kodokan school, and a family of Scottish immigrants during the early 20th century. Adopting the perspective of the sociology of childhood, we are interested in the practice of jiu-jitsu by children as a space for the production of participation rights. We seek to understand which corporealities are at play in the movements of the gentle art. The technique described as embodiment served to position participant observation on the mat and immerse ourselves in the field of community jiu-jitsu. Next, we visited other academies, collecting drawings of combat sports by children aged four to twelve in four countries: Brazil (Rio de Janeiro and Natal), Portugal (Lisbon), Switzerland (Onex), and Norway (Eidsvoll). We noticed that the traits and subjective forms expressed in the drawings are essential for recording the bodily culture and the exercise of being a child. Childhood as an individual, competitive, and identity-based entity; and childhood as a collective, playful, and universal entity, make up the visual narrative that communicates, through the language of drawings, the possibility of a creative construction of the combat game in the aesthetic representation of childhood corporeality.

Keywords: Jiu-jítsu; childhood corporeality; visual methodologies.

Introdução

O contato brasileiro com o estilo japonês de defesa pessoal e de esporte de combate se deu durante um período de abertura e projeção da modernidade nos dois países. A Nova República e a

Era (ou Período) Meiji expressavam dois projetos de nação que, ao se lançar ao globo, acabava por apresentar traços singulares, interpretações e interpelações da cultura popular. Em 1903, o diplomata Manoel de Oliveira Lima descreveu uma apresentação de jiu-jitsu, em Kyoto, como um “style of local capoeira peculiar to Japan...” (apud CAIRUS, 2011, p. 105). Assim como a capoeira, o *brazilian jiu jitsu* (BJJ), atingiu o patamar de difundir a modalidade desportiva noutros países, preservando, no Brasil, a sua matriz original. O abrasileiramento da arte seguiu a adoção do sistema ensinado pelo diplomata japonês Mitsuyo Maeda (1878 – 1941) e desenvolvido, em seu nascedouro macunaímico, por Carlos Gracie (1902 – 1994).

Os primeiros artistas marciais representantes do jiu-jitsu foram convidados pela Marinha. Buscava-se um modelo adequado de ginástica, tão moderno quanto aquele oriundo do estilo brasileiro de luta, a capoeira. Aconteceram desafios de luta entre os mestres japoneses e brasileiros, carregados, de um lado, pelo ufanismo dos discursos nacionalistas e, de outro, pela tentativa de desidentificação da arte negra (*Ibidem*). A aproximação mimética com a capoeira foi o início de um processo de abrasileiramento da arte marcial oriental, que se concretizou pela trajetória de uma família de imigrantes escoceses, vista como um “clã de lutadores invencíveis”: a família Gracie.

Temos o resultado de um longo processo de identificação com a cultura corporal brasileira e da institucionalização desportiva, através de federações, o que assegurou a regularidade de competições locais e internacionais. Além da utilização do quimono como indumentária e do tatame, como área de disputa, paira no imaginário da arte marcial, certo código ético de conduta. Isso, somado à imagem de Maeda, são os traços da profusão da arte e cultura nipônica.

Atualmente, a prática desportiva do BJJ é bastante presente no cenário do desporto amador brasileiro e, mais recentemente, tem havido crescimento substancial de seus adeptos nos cinco continentes. É muito comum encontrarmos “projetos sociais” com o ensino de jiu-jitsu para crianças da rede pública da educação brasileira. Inserem-se num movimento mais amplo que reflete, por um lado, a escassez de recursos e estruturas públicas adequadas para a prática desportiva e consagram, por outro, uma energia coletiva comunitária, onde as crianças podem vivenciar, através do esporte, a plenitude da infância.

Este artigo apresenta um recorte de investigação em Estudos da Criança, que busca compreender a perspectiva do corpo na infância e suas conexões com a cultura e a sociedade. Este estudo contribui para a discussão acerca da importância da metodologia visual na pesquisa em sociologia da infância, trazendo reflexões sobre a corporeidade nas artes marciais, com foco no jiu-jitsu brasileiro.

No ano de 2013, participamos do projeto social “Lutando para Vencer”, em Natal, cidade litorânea do nordeste brasileiro. Atletas voluntários ofereciam aulas de jiu-jítsu para crianças da rede pública de ensino. Naquela época, o Brasil se organizava para sediar dois megaeventos esportivos de grande magnitude, a Copa do Mundo FIFA 2014 e Olimpíadas Rio de Janeiro em 2016. Esse contexto impulsionou a criação de diversos projetos sociais voltados ao ensino de modalidades esportivas para crianças moradoras das áreas mais pobres.

Embora o Ministério dos Esportes tenha distribuído recursos, eles eram limitados aos grupos organizados que participavam de editais, deixando muitos projetos de fora dessa realidade. Atletas moradores de áreas menos favorecidas se mobilizaram para oferecer aulas gratuitas de várias modalidades esportivas incluindo danças, como hip hop e quadrilhas juninas e esportes de combate, como muay thai, capoeira e jiu-jítsu. Essas iniciativas constituíam um importante meio de inclusão social e aconteciam na dimensão das relações de vizinhança como uma forma de “fugir dos caminhos das drogas”. Essa frase figurava quase sempre no imaginário social em torno desses projetos.

Além da invisibilidade do Estado, muitas modalidades sequer faziam parte dos jogos olímpicos, o que dificultava o acesso aos recursos públicos. A atmosfera do desporto comunitário nos levou a buscar questões sociológicas nos treinos de jiu-jítsu. Como praticante pudemos nos posicionar nas aulas e compartilhar os movimentos desportivos na construção da identidade com a luta de chão, subvertendo, assim, a distância usual entre o pesquisador e o objeto de estudo.

A partir do conceito de moderação destacado por Norbert Elias em “A Busca da Excitação” (1992), buscávamos compreender como o ensino de jiu-jítsu influenciava as culturas infantis em contextos de vulnerabilidade social. Elias destacou a importância do esporte como um problema sociológico em suas sínteses configuracionais. O comportamento humano esportivo pode ser compreendido como uma expressão da civilização e do desenvolvimento social, em especial nos “processos civilizatórios” que ocorreram ao longo da história. Elias examina a relação entre o esporte e a história inglesa, particularmente os ciclos de moderação política e a industrialização do país. Para uma definição mais exata:

O desporto é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza- -se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos tem funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. (Elias, 1992, p. 145).

Para o sociólogo alemão, a ligação entre o desporto como lazer e a mudança política do regime parlamentarista foi um fator determinante para a configuração atual: “existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura do regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização, no mesmo período, dos passatempos das classes inglesas elevadas” (Ibidem, 254). A questão fulcral para a modernização do *sport* parte do seguinte pressuposto:

Numa sociedade cada vez mais regulamentada, como se podiam garantir aos seres humanos os meios suficientes de excitação agradável em experiências compartilhadas sem o risco de desordens socialmente intoleráveis e de ferimentos mútuos? Em Inglaterra, uma das soluções para este problema foi, como vimos, a emergência de passatempos sob a forma que se tornou conhecida como desporto” (Ibidem, p. 256).

Elias argumenta que a violência é moderada por meios de ciclos de moderação política e social, tendo como exemplo a implementação do regime parlamentar. Esses ciclos ocorrem, de um lado, em resposta às mudanças históricas nas normas e valores advindos dos conflitos entre as classes sociais. De outro lado, o processo de industrialização também proporciona a ascensão do esporte como fenômeno da modernidade na medida que emerge da divisão do trabalho e da crescente urbanização, a necessidade de autocontrole dos impulsos. Para Elias,

os acontecimentos desportivos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato do Mundo proporcionam as únicas ocasiões, em tempo de paz, durante as quais nações inteiras podem unir-se com regularidade e de forma visível. A divulgação do desporto a nível internacional tem implicações no aumento da interdependência internacional e da existência, com várias exceções notáveis, de uma paz mundial frágil e instável (Ibidem, p. 325).

No caso do Brasil, além do impacto direto na remoção das moradias (Álvares, Medeiros & Paiva, 2013) o fraco desenvolvimento institucional fez com que a desportivização ocorresse deslocada da moderação dos ciclos de violência. A impressão era de que a arquitetura das arenas e estádios aprofundava ainda mais o abismo das desigualdades sociais.

Com essa problemática viva no processo de investigação, imergimos em campo na cidade do Rio de Janeiro, durante as olimpíadas, a fim de compreender os efeitos da desportivização naquela ambiente social e cultural. A partir do jiu-jitsu comunitário, num bairro distante do colorido olímpico da zona sul carioca, adotamos uma perspectiva transversal ao desenvolvimento dos Jogos.

Em seguida, ampliamos o nosso campo de estudo para compreender as interações entre o corpo na infância e a prática do jiu-jitsu em diferentes contextos sociais. Utilizamos a metodologia visual dos desenhos produzidos pelas crianças como ferramenta de pesquisa. Se antes a observação do tatame serviu como bússola, passamos depois a buscar as representações do corpo-infância pelas próprias crianças, como registro da técnica do corpo no desporto de combate. Nossa investigação se baseia na práxis do paradigma crítico para melhor compreender os desafios que emanam de configurações urbanas atuais. A compreensão sociológica dos grupos infantis, buscando a produção de conhecimento que permita o saber escutar as crianças.

Métodos

Apoiado no uso do quimono e da faixa preta, adotamos o treino como um instrumento mediador da investigação, técnica descrita como *embodiment*: vestir o quimono e ser parte ativa da pesquisa, tomando, como ponto de partida, a experiência compartilhada pelos movimentos marciais/esportivos do corpo (Wacquant, 2002; Channon e Jennings, 2014). Utilizamos a identificação com a arte marcial como um facilitador do processo comunicativo, norteando produção original das técnicas qualitativas da pesquisa sociológica da infância.

Como praticante, nossa observação do tatame permitiu a construção do objeto ao mesmo tempo em que interagíamos com as crianças. Essa ferramenta de pesquisa nos possibilitou entender como os praticantes incorporam e internalizam as técnicas, valores e rituais das artes marciais, a dimensão integrante da identidade física e psicológica com o desporto. Além disso, o *embodiment* foi fundamental para entender a dimensão estética das artes marciais, já que os movimentos e gestos realizados são parte da expressão artística dessas atividades. O caderno de campo, preenchido logo após os treinos serviu como principal ferramenta de apoio, além da entrevista semi-estruturada com o professor responsável.

Já a utilização de técnicas visuais na pesquisa em sociologia da infância vem ganhando cada vez mais relevância, já que possibilita que as crianças sejam vistas como agentes ativos e capazes de construir seus próprios significados e experiências. A metodologia visual utiliza a imagem como meio principal para coletar e analisar dados sobre as experiências das crianças em diferentes contextos sociais. Especificamente, adotamos a técnica da produção de desenhos, onde as crianças se expressam por meio de gravuras, oferecendo uma maneira mais autêntica e profunda de compreender suas vivências. O desenho tem um potencial significativo para engajá-las no processo de pesquisa, permitindo que elas se tornem participantes ativos e abrindo possibilidades de escuta sensível das suas vozes.

Os desenhos infantis são uma técnica de metodologia visual em que as crianças expressam suas perspectivas e experiências sobre o próprio corpo e sobre o mundo ao seu redor. A partir da análise dessas expressões visuais, é possível compreender melhor como as crianças interpretam a si mesmas e aos outros, como lidam com as diferenças e com as normas sociais e como constroem sua identidade e subjetividade.

Por meio da produção de desenhos, foi possível aplicar a mesma metodologia em quatro contextos sociais distintos. A coleta de dados foi realizada enfocando o visual, com o objetivo de analisar a estética das representações do corpo-infância na prática do jiu-jitsu. Essa abordagem permitiu uma análise mais aprofundada e abrangente, explorando nuances culturais e sociais que influenciam a relação entre corpo, infância e esporte em variados contextos. Além disso, a técnica de produção de desenhos ofereceu às crianças uma maneira criativa e lúdica de expressar suas percepções e experiências com a arte marcial. Segundo Sarmento,

‘contar uma história’ capaz de dar conta da realidade e, por isso, dependente do princípio da verossimilhança como condição da sua própria razão de ser, e contá-la através de imagens, configurando-se segundo códigos interpretativos que a linguagem verbal pode perseguir, mas não totalizar, constitui um programa epistemológico que abraça o estético, mas que se inclui intencionalmente no âmbito da produção e ampliação do conhecimento do social. Uma epistemologia do ‘narrativo’ e do ‘visual’, portanto (2014, pgs. 1-2).

A narrativa visual foi a via de acesso às representações da corporeidade infantil. Segundo afirma Sarmento, “a investigação participativa com imagens potencializa o texto polifônico, aberto à diferença e promotor da dissonância e exploração de novos sentidos” (2014, p. 207). Os dados visuais coletados são representados pelos desenhos produzidos por crianças com idades entre 4 e 12 anos. Foram utilizadas folhas comuns e lápis de cor para expressar suas perspectivas e experiências com a arte suave. A técnica de produção de desenhos permitiu uma coleta de dados mais participativa e inclusiva, dando voz às crianças e permitindo que elas expressassem suas próprias visões e representações.

Utilizamos os primeiros treinos para apresentar o estudo e fornecer o documento de consentimento informado para participação na pesquisa. Em seguida, na próxima sessão de treino, disponibilizamos aos participantes folhas A4 em branco, lápis grafites e coloridos para que pudessem desenhar no próprio tatame a questão genérica de como eles viam o jiu-jitsu.

Buscamos diversificar nossas observações e coletas de dados, visitando academias com treinos de jiu-jitsu brasileiro em diferentes países. Na Noruega visitamos a academia Rambukk Martial Arts Center, enquanto na Suíça conhecemos os treinos de jiu jitsu bresilién na Maison

Onésienne, localizada na comuna de Onèx. Em Lisboa, coletamos os desenhos no projeto Youngzillions, em Carnaxide. Retornamos a Bangu, nos treinos da equipe kids e complementamos o universo de coleta de dados na Associação de Moradores de Ponta Negra, em Natal.

Resultados e discussões



Figura 1. O Pesquisador
 Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.

O desenho acima é uma atitude de resistência e enfrentamento da alteridade. A criança preferiu representar o adulto pesquisador, fazendo-nos experimentar a alteridade na observação. Com braços e pernas compridos, o pescoço alongado, quase atingindo o topo da folha, demarcou as nossas diferenças físicas. A agência das crianças permitiu, momentaneamente, a inversão dos papéis no processo de investigação. O sociólogo da infância William Corsaro relata, acerca da etnografia com as crianças: “um problema significativo é o tamanho físico; sou muito maior do que as crianças. Em meus primeiros trabalhos, descobri que seria melhor utilizar um método ‘reativo’ de ingresso nos mundos infantis” (2011, p. 64).

A seção de desenhos a seguir exprime a dimensão lúdica da prática do jiu-jitsu. Apesar de se configurar como desporto de combate, a brincadeira se sobrepõe nas gravuras, visto que a característica presente nos bonecos desenhados é a expressão de sorriso, com bocas como arcos apontados para cima.



Figura 2. O jiu-jítsu como atividade Lúdica 1
Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 3. O jiu-jítsu como atividade Lúdica 2
Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 4. O jiu-jítsu como atividade Lúdica 3
Fonte: pesquisa de campo, Lisboa, 2018.



Figura 5. O momento de *sparring*

Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 6. Pulo na guarda, imobilização norte-sul e *single leg*

Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 7. Ó quimono e a “orelha de repolho”

Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.

Nas figuras 2, 3 e 4 é possível notar uma representação de disputa ou combate, no entanto, sem os traços característicos que identificam a arte suave. Já nas figuras 5, 6 e 7 percebe-se o uso do quimono e a logomarca da equipe, o detalhe da “orelha de repolho” e a representação de um sparing, momento do treino que as duplas simulam uma disputa competitiva. A figura 6 trás um

desenho que apresenta com nitidez as movimentações: pulo na guarda fechada, imobilização norte-sul e a queda *single leg*.

Na seção a seguir destacamos a característica agônica representada pelas disputas e competições. No caso norueguês (desenhos 10, 11 e 12), nota-se a representações de armas vikings: o machado de batalha, a lança e a cimitarra (espada curva), o que transmite a dimensão bélica dos elementos marcantes naquele contexto cultural. Nos desenhos seguintes, o uso do quimono, a representação do pódio e os movimentos de luta representam com mais verossimilhança os aspectos agônicos das competições desportivas de jiu-jitsu.

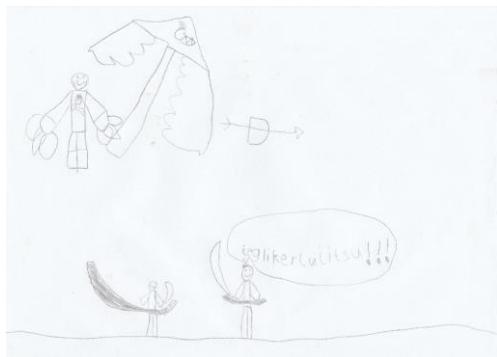


Figura 8. As armas Vikings 1
 Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.



Figura 9. As armas Vikings 2
 Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.



Figura 10. As armas Vikings 3
 Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.

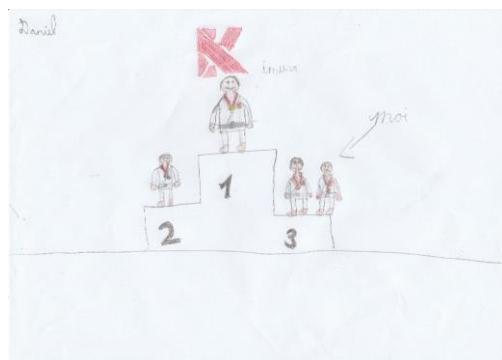


Figura 11. O pódio
 Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.

Nas categorias infantis, o ato de submeter o oponente em manobras de torções e estrangulamentos, sinalizam o vencedor sem a necessidade da desistência. Ou seja, o árbitro interrompe a luta tão logo o golpe seja encaixado. O rendimento e as performances competitivas exercem um impacto muito forte, animando a sequência de treinos e o imaginário das crianças. Na figura 11, a criança se auto representa quando obteve a terceira colocação em um evento competitivo.



Figura 12. O cumprimento de mãos
 Fonte: pesquisa de campo, Lisboa, 2018.



Figura 13. A chamada na guarda
 Fonte: pesquisa de campo, Natal, 2018.

Os desenhos representam os movimentos e técnicas de luta, desde o característico aperto de mão inicial, com os dois em pé (figura 12) até as projeções de chamada de guarda, expressas no desenho logo acima. Outro aspecto que se mostrou relevante nos desenhos foi a descrição individual da corporeidade. Aqui, a representação de partes do corpo humano em relação umas às outras aparecem desproporcionais, como se vê nos desenhos abaixo:



Figura 14. O lutador viking
 Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.



Figura 14. O campeão solitário
Fonte: pesquisa de campo, Eidsvoll, 2018.



Figura 15. O quimono azul
Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 16. *Youngzillions*
Fonte: pesquisa de campo, Lisboa, 2018.

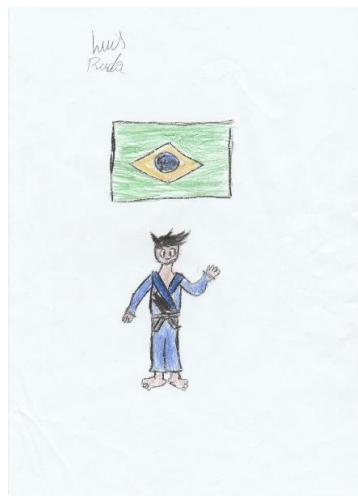


Figura 17. Jiu-jítsu brasileiro
 Fonte: pesquisa de campo, Natal, 2018.

Na sequência acima, o corpo ganha o contorno do quimono e suas proporções são mais próximas do real. O nome da equipe (youngzillions) e a bandeira do Brasil expressam aspectos da identidade social das crianças. Na perspectiva individual, competitiva e identitária o corpo-infância é visto como um instrumento de afirmação pessoal e de construção da identidade.

No contexto coletivo e lúdico da infância, o corpo é visto como instrumento de expressão e participação no mundo social. As brincadeiras e os jogos em grupo incentivam a cooperação, a socialização e a criatividade. Nesse sentido, o jiu-jítsu pode ser visto como uma atividade que valoriza a interação social, a troca de conhecimentos e construção coletiva do aprendizado. É o que percebemos a seguir na construção do corpo coletivo:



Figura 18. Em formação
 Fonte: pesquisa de campo, Bangu, 2018.



Figura 19. O círculo tridimensional aberto 1

Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 20. O círculo tridimensional aberto 2

Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.

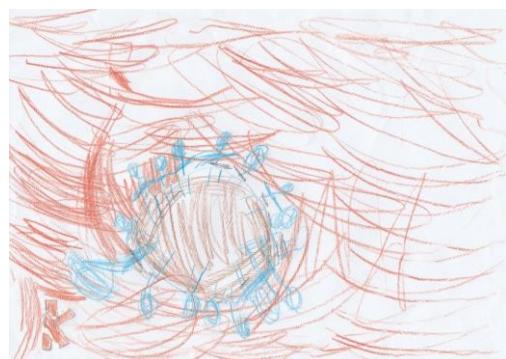


Figura 20. O círculo tridimensional fechado

Fonte: pesquisa de campo, Onèx, 2018.



Figura 21. O jardim de flores
 Fonte: pesquisa de campo, Bangú, 2018.

Na sequência desta seção, o corpo coletivo, primeiro na dimensão plana e depois, esse corpo coletivo vai tomado a forma circular a partir de uma visão tridimensional, como se os autores pudessem flutuar e observar o tatame de um ponto transversal. O círculo tridimensional se fecha para irromper como um jardim de flores na figura 21, a estética mais fiel da igualdade entre os corpos.

Considerações finais

A dimensão sociológica da infância não está simplesmente ligada à idade cronológica. A infância é uma experiência que está mais ligada ao acontecimento, à criatividade, à inovação e ao imprevisível, em vez de uma simples sucessão linear e cumulativa de estágios de desenvolvimento. Ela se caracteriza pela “des-idade” (Abramowicz, 2011), ou seja, uma dimensão que transcende a temporalidade, tornando-se uma condição mais complexa e multifacetada do que simplesmente uma fase de desenvolvimento. A experiência infantil não pode ser abandonada quando se chega à idade adulta: ela é fonte de criatividade, ludicidade e espontaneidade que, “dessa forma, como experiência, pode também atravessar ou não os adultos” (*Ibidem*, p. 34).

Para as crianças, sentir e agir são aspectos integrados ao estado emocional. Movimentar os músculos e o corpo em geral é uma forma natural de expressar e lidar com essas emoções. Ao longo da vida, aprendemos a controlar as nossas emoções e a não expressá-las através de ações corporais impulsivas. Por sua vez, as técnicas do corpo orientam a expressão dos movimentos, permitindo o desenvolvimento da motricidade e a identificação social e cultural. Para Marcel Mauss,

Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano, os fatos de educação dominam. A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação. Pois há crianças, em

particular, que têm faculdades muito grandes de imitação, outras que as tem bem fracas, mas todas passam pela mesma educação, de sorte que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros. (p. 215).

Por meio dos desenhos, é possível perceber a complexidade e a riqueza do universo infantil e o jiu-jitsu, que vai muito além da técnica e da competição. Os desenhos mostram que o jiu-jitsu é uma atividade que envolve a construção de laços afetivos e o desenvolvimento social. O corpo-infância é um ente multifacetado que se expressa de maneiras distintas no contexto coletivo e individual. A narrativa visual do jiu-jitsu brasileiro consegue capturar essa complexidade. Retornando ao texto de Manuel Sarmento:

A interpretação das narrativas gráficas deve considerar o contexto social de emergência, os sentidos explícitos, os elementos formais e suas gramáticas (códigos de cores, figuras, traços identitários etc.), mas também o que é apenas sugerido... A procura dos elementos alusivos e sugestivos estabelece-se numa lógica de construção intersubjetiva do conhecimento, através da apresentação de hipóteses verossímeis e coerentes para os elementos plásticos construídos pelas crianças (2017, p. 23).

Os desenhos não apenas registram, mas também constroem a cultura corporal: as crianças criam e recriam significados sobre seus corpos e os movimentos de luta, influenciando suas experiências e práticas corporais. Observamos durante certo período a capacidade de renovação técnica do jiu-jitsu, renovação estética do corpo-infância flexível, lúdico e irruptivo. E qual o papel da infância para a cultura desportiva?

a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebés, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemónica na sociedade industrial, outras rationalidades se constroem, designadamente nas interacções entre crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidiano, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche. A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam

e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância (Sarmento, 2007, pgs. 35-36).

Primeiro a etnografia desnudou os efeitos da violência social na infância, onde as culturas infantis das periferias brasileiras desenvolviam o duro exercício de ser criança, fugindo dos caminhos da violência e opondo, como última trincheira de resistência o próprio corpo-infância, resiliente. Depois, atravessados pela experiência com as crianças da Vila de Ponta Negra e de Bangu, utilizamos a metodologia visual dos desenhos, preservando a imagem real de seus corpos-infância e mergulhando no mundo imagético dos traços, das cores e das formas de representar a luta de chão do jiu-jitsu brasileiro como movimento estético de expressão cultural dos nossos tempos.

Referências

- Abramowicz, A. (2011) A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: Faria, A. L. G. e Finco, D. (orgs). *A sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Arenhart, D. e Silva, M. R. (2014) Entre a Favela e o Castelo: infância, desigualdades sociais e escolares. *Cadernos Ceru*, v. 25, nº 1. P. 59-81.
- Cairus, José T. (2012) *The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905 – 2003*. Tese de Doutoramento. York University: Toronto.
- Álvares, Lúcia Capanema; Medeiros, Mariana G. P.; Paiva, Ludmila R. (2013) O paradigma neoliberal e os megaeventos: como a Copa e as Olimpíadas servem à produção de cidades mais excludentes no Brasil. In: XV Enanpur, 2013, Recife. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação em Planejamento Urbano.
- Corsaro, William A. (2011) *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Elias, Norbert. (1992) A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert e Dunning, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel.
- Gracie, Reila. (2008) Carlos Gracie: o criador de uma dinastia. Rio de Janeiro: Record.
- James, A.; Jenks, C.; Prout, A. (1998) *Theorizing Childhood*. Cambridge: Polity Press.
- Mauss, Marcel. (2003) As técnicas do corpo. In: _____ . *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Casac Naify. Parte 6, p. 399-422.
- Mills, C. W. (1965) Do artesanato intelectual. In: *Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sarmento, M. J. (2004) As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, pgs. 9-34.

Sarmento, M. J. (2007) Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: Vasconcellos & Sarmento (Org). Infância (In)Visível. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, p. 25-49.

Sarmento, M. J. (2014) Metodologias Visuais em Ciências Sociais. In: TORRES, L. L., e Palhares, J. A. (orgs.) Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação. Vila Nova de Famalicão: Humus.

Sarmento, M. J. & Trevisan, G. (2017) A crise social desenhada pelas crianças: imaginação e conhecimento social. Educar em Revista. Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2.

Spinelli, T. C. (2014) Sociología del Tatami: Deporte e Infancia en la Villa de Punta Negra. Des-encuentros: Bogotá, Vol 11, P 40-50.

Wacquant, L. (2002) Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Willis, Paul & Trondman, M. (2008) Manifesto pela Etnografia. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, nº 27, 211-220.